Ano XXIV — Lisboa, Setembro de 1968 — N.º 281

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

ASPECTO ECUMÉNICO

Pelo Dr. Ralph Morton

É um lugar comum, mas também uma verdade que se não pode negar, dizer-se que vivemos hoje num mundo novo, poderoso, que, em despeito das suas divisões, se torna dia após dia mais uniforme: quer vades a Bruxelas, quer a Washington, encontrareis o mesmo tráfego, os mesmos viadutos, a mesma publicidade. Vereis a mesma competição desportiva ou o mesmo filme na TV de Roma ou na de Londres; escutareis a mesma música em Delhi, em Durban... ou em Durham!...

É fácil dizer-se que tudo isto é superficial e lamentar-se as antigas diferenciações, mesmo quando gozamos as vantagens desta recente uniformidade. Não devemos, contudo, desprezar este mundo novo, isto é, este nosso mundo.

Ecumenismo significa efectivamente um mundo e não uma igreja. Temos falado de um mundo único, desde que a Igreja se fundou e agora vemos um só mundo, embora este mundo não pareça ser, inteiramente, uma resposta às nossas orações. Não é a primeira vez que os acontecimentos se adiantam às preces da Igreja e esta unidade que surge agora talvez seja necessária para nos fazer compreender as nossas próprias carências.

Os escoteiros e as guias não devem ser surpreendidos por este mundo novo, pela sua unidade, pela sua liberdade. Quando o movimento escotista começou, há cinquenta anos, o seu fundador compreendeu bem que o mundo das pequenas comunidades fechadas e impermeáveis, as nações isoladas que se bastavam a si próprias, com as rígidas distinções sociais, estavam em vias de desaparecimento. Ele bem via que a família e a escola tradicionais, a velha sociedade, não seriam capazes de dar aos jovens a formação de que bem depressa teriam necessidade neste mundo em contínua transformação, para fazerem face aos novos problemas que se lhe poriam, às novas formas e mais vastas de serviço que lhes seriam propostas, aos aspectos mais complexos do conceito de lealdade que libertariam, às novas responsabilidades que se apresentariam perante eles.

Hoje, decorridos cinquenta anos e passadas duas guerras, vivemos neste mundo que ele havia entrevisto. É o nosso mundo, mesmo que alguns de nós se sintam um pouco nele perdidos e atónitos (notai que os jovens não sentem os mesmos reflexos). Devemos precaver-nos contra a tendência de deixarmos que os nossos ideais sejam modelados pelo mundo antigo. A indústria turística explora esta aspiração, esse gosto pelo antigo e pelo pitoresco. O nacionalismo exprime, também, em parte, o nosso receio de sermos levados a um mundo novo, uno, bem como o nosso desejo de conservar as tradições e os costumes. Mesmo na Igreja, alguns qualificam o período actual como «a idade pós-cristã», passado que foi o velho período cristão.

A cristandade representava uma parte da Europa ocidental, fechada,

Continua na pág. 7

COMO OBTER A PAZ

Ao prezado Companheiro
Joaquim de Sousa Piscarreta

Li no nosso «Sempre Pronto» de Julho as suas afectuosas palavras, que agradeço, a respeito do que eu escrevera; e senti bem o que elas representam de conformidade de pensamentos e, mais do que isso, de «concórdia», quer dizer, de proximidade de corações. Se «concórdia» é dizer latino que quase correspondia ao dizer grego «simpatia» quando esta não sofrera ainda a desvalorização que a banalizou, estamos seguros em terreno escotista. E cristão.

Pois bem. Conversemos sobre a Paz, para que outros ouçam, à maneira das entrevistas combinadas da TV: colóquio entre dois ou três, com vista a dois ou três milhões. Quem dera!

A paz, como expressão duma igualdade absoluta de sentimentos e pensamentos, é inatingível e porventura não desejável, pois a «falta de contraponto» mais se parece com a morte — se a morte existe no Universo. Mas a paz com vida, com alegria, com a beleza e a consciência da vida, parece-me podermos encontrá-la em três atitudes aqui recordadas num **acróstico, mnemó-**

(Continua na pág. 6)

NOVAS ASSINATURAS — UMA CAMPANHA NECESSÁRIA!

Duas novas assinaturas foram recebidas: O Sr. Jaime Israel, antigo escoteiro do Grupo n.º 93, de Sintra, e o Agrupamento S. Miguel, do C. N. E., de Carmona, Angola, a quem apresentamos os nossos agradecimentos.

A campanha de novas assinaturas é muito necessária e espera a sua colaboração, estimado Leitor.

—/—

Tiveram a gentileza de nos enviar a importância de suas assinaturas de patrocínio os seguintes nossos dedicados amigos: Sr. Joaquim dos Santos Piscarreta, de Lagos, 120$00; Sr. António Augusto da Silva e Cunha, de Benguela, 100$00, e David M. dos Santos, de Grândola, 100$00, a quem endereçamos os nossos agradecimentos.

Emílio Beut Belenguer

Tivemos recentemente o prazer de passar alguns momentos com este antigo e distinto dirigente do Escotismo Espanhol, que durante o período de completa suspensão do Movimento no país vizinho, conseguiu manter o entusiasmo e alimentar a perseverança de um animado grupo de antigos escoteiros, que através de todas as vicissitudes manteve a «chama» bem acesa.

Em 1957, Emílio Beut não conseguiu ficar indiferente ao Jambori do Jubileu, que se realizou em Inglaterra. Alugou um velho táxi valenciano e com outros quatro companheiros marchou para Sutton Park. Recordámos-lhe o facto. Beut sorriu e confidenciou-nos: — *Foi uma aventura! Parece incrível como o carro conseguiu fazer a viagem de ida e volta.*

Quando chegou a Sutton Park, o táxi tinha sofrido inúmeras *pannes*. Para que a gasolina pudesse chegar ao carburador fora necessário improvisar um depósito no tejadilho. Embora sorrindo, Beut não conseguiu esconder o seu desgosto. Depois de tão grande esforço, os escoteiros valencianos não foram admitidos no grande acampamento por falta de reconhecimento. E foi assim que esmoreceu o entusiasmo do grupo, que agora só acidentalmente se encontra numa refeição. Mas Beut afirmou: — *Mantêm-se no entanto firmes os ideais escoteiros.* E, embora professando a fé católica, concluiu: — *Não estou de acordo com a orientação dada ao Escotismo em Espanha. Acho que deve haver uma associação em que possam participar rapazes de todos os credos. Só assim poderá haver Escotismo.*

Emil Beut derivou a sua actividade para os estudos valencianos, proferindo frequentemente conferências no Ateneu daquela cidade, e declarou-nos que era «Sempre Pronto» a única via por que presentemente recebia notícias do Escotismo.

Professor Doutor Edmundo Lima Basto

Este ilustre médico-cirurgião, dedicado director do Instituto Português de Oncologia, teve a gentileza de nos endereçar os seus agradecimentos pelas justas palavras que dedicámos à memória de seu falecido irmão, o antigo dirigente escotista, Sr. Alberto Lima Basto.

O Professor Lima Basto termina a sua carta com um testemunho que não resistimos ao desejo de transcrever para conhecimento dos nossos estimados leitores:

Recordando sempre os tempos da minha mocidade em que beneficiei tanto do espírito escotista que me tem sempre acompanhado na vida...

«Uma vez escoteiro, sempre escoteiro». A acção do Sr. Professor Lima Basto na luta contra o terrível flagelo do cancro é bem a obra de um Escoteiro.

Para muitos homens, o mais sério de todos os problemas é não perceber nenhum. Estão satisfeitos consigo mesmo. Agarrados ao hábito, escravos da rotina, orgulhosos das suas crenças ou da ausência delas, consumidos no prazer, nada levam a sério. (...) Mentem com facilidade assombrosa. (...) De sorte que o coração se endurece mais e o entendimento torna-se mais cego.

JOHN A. MACKAY

ANTIGOS ESCOTEIROS

O acampamento dos antigos escoteiros

Realizou-se, nos dias 13 e 14 de Julho último, no Parque de Escotismo da Caparica, o 8.º acampamento dos antigos escoteiros, o qual decorreu com muito interesse.

Montaram-se 14 barracas e estiveram presentes 60 companheiros e suas famílias.

Em acampamento à parte, uns 30 rapazes de diversos grupos, que participaram num programa recreativo que agradou pelo espírito que sempre domina estas reuniões.

Na noite de 13, realizou-se o fogo do conselho que durou até às 24 horas, com regular número de pessoas da colónia balnear.

A organização do acampamento esteve, mais uma vez, a cargo da nossa Secção de Campismo que o chefe Xavier dirigiu com o habitual acerto juntamente com os seus mais próximos e dedicados colaboradores.

No dia 14, às 15 horas, executou-se o programa recreativo, com distribuição de lembranças, visitou-se o novo campo desportivo, que se encontra muito adiantado e que será pròximamente um factor de grande importância no Parque de Escotismo.

Às 19 horas, procedeu-se à cerimónia do arrear das bandeiras. O presidente leu a costumada mensagem, ouvida com muita atenção. Foram guardados dois minutos de silêncio pelos soldados mortos no Ultramar e pelos companheiros Walter Westwood e Alberto Lima Basto, recentemente falecidos.

Humberto Martins

Dois monumentos pré-históricos visitados pela Fraternal

No prosseguimento de uma sugestão amàvelmente formulada pelo Sr. Dr. Farinha dos Santos, ilustre Director do Panteão Nacional de Santa Engrácia, por ocasião da visita a este monumento, propondo uma visita de estudo à Gruta do Escoural, a Fraternal dos Antigos Escoteiros deslocou-se, em 18 de Agosto findo, àquela vila alentejana situada a 13 quilómetros de Montemor-o-Novo, numa caravana automóvel constituída pelos carros que os nossos companheiros seus possuidores, gentilmente puseram à disposição dos visitantes, acedendo assim ao convite que a Fraternal lhes fez numa circular oportunamente distribuída.

Aguardados na vila de Santiago do Escoural pelo Sr. Dr. Farinha dos Santos, professor da Faculdade de Letras de Lisboa e eminente arqueólogo que está dirigindo as escavações, e pelo seu colaborador Sr. Dr. Miguel Ramos, estes dois senhores proporcionaram aos visitantes, divididos em dois grupos, cada um destes penetrando separadamente no interior da gruta, larga cópia de pormenores sobre o valor histórico e arqueológico desta gruta, descoberta em 1963, que veio enriquecer notàvelmente o património arqueológico do país, pois trata-se, na verdade, de uma gruta do período megalítico, apresentando curiosas pinturas rupestres remontando a alguns milhares de anos antes de Cristo. No seu interior encontraram-se esqueletos humanos, vasos e outros objectos que foram e estão sendo devidamente classificados sob a cuidadosa e proficiente direcção e investigação dos dois ilustres arqueólogos. Tiveram os visitantes oportunidade de examinar alguns crânios e vasos, bem como o levantamento topográfico, catalogação e inventário de tudo quanto se tem encontrado.

É rica a região de Montemor-o-Novo em exemplares da cultura dolménica em Portugal, verificada através a existência de várias Antas ou Dolmens. Assim, e ainda por amável convite do Sr. Dr. Farinha dos Santos, foram os visitantes admirar a Anta Grande do Zambujeiro, a maior existente na Península. Magnífico espécimen pré-histórico do período megalítico. Ao contemplar as ciclópicas pedras da sua construção, tem-se a nítida ideia do gigantesco esforço que foi necessário para o transporte daquelas pesadas pedras de grandes dimensões, que foram para ali trazidas, vindas não se sabe de que distância, mas cujo transporte para o local é evidente pela qualidade diferente da pedra da região. Tal facto, acentuaram os dois distintos arqueólogos, representa um esforço colectivo traduzindo o espírito de associação que, já naquela época pré-histórica, caracterizava o Homem.

Lamentamos que a nossa total falta de cultura arqueológica nos não permita dar uma reportagem mais sucinta destas duas interessantes visitas que a Fraternal fica devendo ao espírito de cativante gentileza com que o Sr. Dr. Farinha dos Santos, mais uma vez, nos quis distinguir.

L. S. A.

OS I JOGOS FLORAIS ESCOTISTAS

O Grupo n.º 7, da A. E. P., está promovendo, com o patrocínio do «Diário Popular», os Jogos Florais do Escotismo, os quais estão suscitando grande entusiasmo por parte das camadas juvenis de todo o Portugal.

Atendendo a esse entusiasmo, os organizadores resolveram prorrogar o prazo para a recepção dos trabalhos, a qual pode ser feita até o fim do corrente mês de Setembro.

As modalidades dos trabalhos a apresentar são as seguintes: conto, narrativa, fábula, ensaio, análise, poesia lírica, soneto, poema, quadra e poesia obrigada ao mote *«No mais sublime libertar de espírito»*.

Os temas são livres, havendo classificações especiais para os escotistas, técnica escotista, poesia clássica e poesia moderna.

As produções, que devem ser dactilografadas e subscritas com um pseudónimo e acompanhadas de um sobrescrito fechado contendo no interior o nome do concorrente e o grupo a que pertence, serão endereçadas a: I JOGOS FLORAIS ESCOTISTAS, Grupo n.º 7, anexo aos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, Rua Camilo Castelo Branco, 33, em Lisboa-1.

Um exemplar do regulamento será enviado a quem o solicite.

O GRUPO N.º 23

PROMOVEU UM ACAMPAMENTO DE FÉRIAS NA QUINTA DA FONTEIREIRA

O Grupo de Queluz realizou de 10 a 16 de Agosto passado na Quinta da Fonteireira em Belas, o seu primeiro acampamento de férias. Os rapazes montaram o campo com todas as astúcias de escoteiro, dando-lhe um conforto e aspecto que surpreendeu as famílias dos rapazes que o visitaram.

Cozinhas altas, mesas, um mastro para as bandeiras nacional e do grupo, tudo construído com materiais obtidos no próprio local. Foram levantadas sete tendas, sendo três para patrulhas, uma para a equipa de caminheiros, outra para dirigentes, uma para enfermaria e outra para depósito de víveres e equipamento.

No dia 15, logo de manhã, chegou o Sr. Sá Viana, secretário da Direcção da Fraternal, que representava a mesma e o seu presidente. À tarde, chegaram muitas pessoas de família dos escoteiros, o representante da Junta de Freguesia de Queluz, antigos escoteiros e amigos do Grupo, num total de mais de uma centena de pessoas.

Às 16 horas, realizou-se a festa de campo apresentada pelo Chefe do Grupo, Sr. Justino E. da Silva. O presidente da Direcção, Sr. capitão António Gomes Rocha, numa vibrante alocução patriótica, ofereceu, em nome da Delegação de Sintra da Liga dos Combatentes, a bandeira nacional ao Grupo.

Após esta cerimónia, prestaram compromisso de honra os seguintes novos escoteiros: Armando Jorge de Castro Viçoso, Carlos Alberto Lopes Dinis, Carlos Alberto de Almeida Baptista, Fernando Carlos Leitão, Francisco Jorge de Oliveira Pereira, José Manuel Lemos dos Santos, Mário Manuel C. de Barros e Melo, Miguel Campos Bugalho e Vítor Manuel Pontes de A. Faria.

O Lobito Justino Estêvão de O. e Silva recebeu a 2.ª estrela, os escoteiros Alberto Henrique Estrela e Carlos Paulos Santos, a insígnia de 1.ª classe; e o escoteiro João Manuel Pádua Soares, a de 2.ª classe. Foram ainda distribuídas diversas insígnias de aptidão a lobitos e escoteiros.

Falou ainda a mãe de um escoteiro, bom como um caminheiro, sendo servido um chá preparado pelos rapazes.

À noite efectuou-se o tradicional fogo de conselho, que teve ainda a presença de algumas famílias.

De 9 a 16 de Setembro corrente, o Grupo voltou a realizar um acampamento de férias, especialmente destinado a instrução de guias e subguias, no Parque de Escotismo da Caparica.

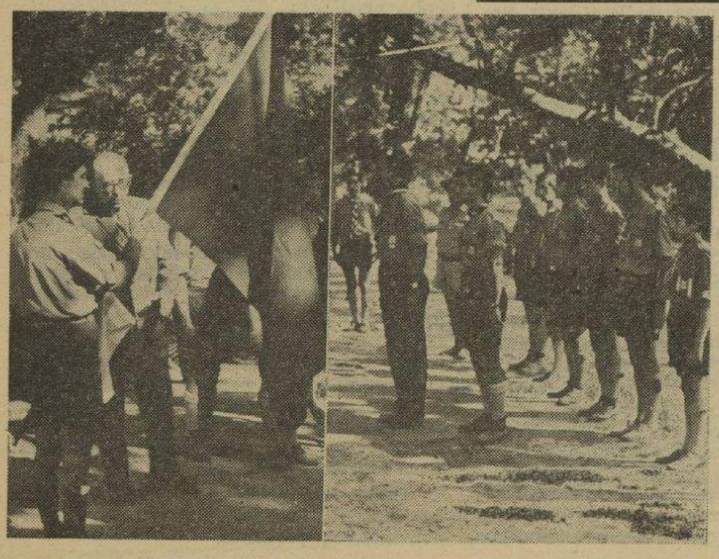
DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

Casamento — Em 1 de Setembro corrente, na Igreja Presbiteriana do Bebedouro (Montemor-o-Velho), realizou-se o enlace matrimonial da Sr.ª D. Maria Fernanda de Jesus Neto com o nosso estimado amigo e colaborador Sr. Idílio Custódio Gonçalves, ex-chefe do Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal. O acto foi presidido pelo nosso dedicado amigo e assinante Sr. Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, que dirigiu aos noivos sentida parénese sobre o significado cristão do casamento, deveres e privilégios dos cônjuges.

O copo de água foi servido na propriedade dos pais da noiva, Sr.ª D. Júlia de Jesus e António Maria Neto, no lugar de Carapetos, concelho de Montemor-o-Velho, tendo os noivos seguido para o Algarve, em viagem de núpcias.

Todos os que trabalham em «Sempre Pronto» apresentam cumprimentos de felicitações ao companheiro Idílio Gonçalves e a sua noiva, a quem desejam vida longa e mil venturas.

Nascimento — Estão de parabéns os nossos estimados amigos Sr. E. C. José Eduardo Pena Ribeiro e sua esposa Sr.ª D. Mariana Saragoça Ribeiro, pelo nascimento em 4 do corrente de sua segunda filha, que vai receber o nome de Paula Rute e a quem desejamos as maiores felicidades. Os nossos cumprimentos são extensivos aos avós, o Director do «S« P.» e sua esposa Sr.ª D. Júlia Ribeiro.



O Capitão Gomes Rocha, presidente da Direcção do Grupo n.º 23 e da Delegação de Sintra da Liga dos Antigos Combatentes, entrega, em nome desta, a bandeira nacional ao Grupo.



O FESTIVAL DE NATAÇÃO RECENTEMENTE REALIZADO

Correspondendo a um amável convite do chefe da Região de Lisboa da A. E. P., tivemos o prazer de assistir ao Festival de Natação realizado em 21 de Julho p. p., na piscina do Clube Sportivo de Pedrouços.

Sim, senhor! uma agradável revelação e uma magnífica obra quase desconhecida.

Há tanto tempo que passamos pelas suas portas sem nos aperceber quanto pode a vontade e a dedicação de tantos, sob a autorizada direcção de Luís Alves Miguel, um dos nossos.

Assistimos a uma boa actividade escotista e sinto o dever de informar que me impressionou favoràvelmente. Tudo se executou com um plano, brio e ordem, tanto por parte dos dirigentes como dos dirigidos.

O chefe Madeira Leitão, organizador e director do Festival, e os seus colaboradores deram mais uma oportunidade de ver escotismo de competição, como sempre desejamos ver.

É tempo de dizer aos antigos companheiros que podem passar a assistir com mais confiança às actividades escotistas, alentando os chefes e estimulando os novos com a sua presença, que muito apreciam.

Humberto Martins

*

«O QUE VALE É O QUE SABEMOS»

Bem haja o Rev. Eduardo Moreira pelo seu brilhante artigo inserto no «S. P.» de Agosto, através do qual nos é dado concluir que o valor está no saber e que para tal não basta receber um diploma, mas sim abrir os livros, dialogar com eles, contradizê-los às vezes, concordando e aprovando conscientemente o que eles dizem, excedê-los até, se possível, na aplicação compreensiva. O aluno — acrescenta — deve ser um autodidata, depois de ouvir dez ou cem ou mil prelectores.

Oxalá os estudantes dos nossos dias atentem na grande lição que o Rev. Senhor Moreira oferece nas suas justíssimas considerações sobre os livros fechados e os livros abertos.

J. Piscarreta

O 55.º Aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal

Em 6 de Setembro corrente, passou o 55.º aniversário da Associação dos Escoteiros de Portugal. Por esse motivo, a chefia do Grupo n.º 23, de Queluz, teve a gentileza de nos endereçar o seguinte telegrama de saudações:

Grupo 23 Queluz apresenta saudações escotistas passagem 55.º aniversário fundação nossa Associação. Sempre Pronto a servir. Chefia.

Agradecemos e retribuímos as saudações expressas pelo mais novo Grupo da A. E. P., prova da vitalidade da Associação aniversariante.



por MENDES MARQUES

O Escotismo na Checoslováquia

II

Tendo, no número anterior, referido as marcas postais autorizadas pela Administração Postal checa, dedicadas ao escotismo, no presente número falo dos selos emitidos pela Checoslováquia com o mesmo fim, os primeiros em todo o mundo após a fundação do movimento.

Os selos, emitidos por ocasião dum Jambori internacional, em Praga, apenas tinham carácter semioficial, tendo sido autorizados pelo Despacho n.º 324-R.

No local do acampamento, foi montado um posto de correio oficial que aceitava e carimbava correspondência franqueada com aqueles selos, mas exclusivamente destinada a território checo.

Foram dois os valores emitidos — 10 e 20 Heller —, o primeiro de cor azul e o segundo vermelho. Gravados por J. Panenka, sob a orientação do Chefe Roessler Orovsky, os ditos selos, que foram impressos em relevo e denteados por uma só vez, apresentam um leão coroado e as legendas POSTA CESKYCH SKAUTU (correios escotistas checos) e VE SLUZBACH NARODNY VLADY (ao serviço do governo nacional). Emitidos em 7 e 25 de Novembro de 1918, a sua tiragem foi de 20 000 exemplares para cada valor.

A 21 de Dezembro do mesmo ano, o presidente da república, Thomaz Mazarick, visitou o acampamento, constituindo motivo para mais um acontecimento filatélico. 600 exemplares de cada valor foram sobrecargados com «PRIJEZD PRESIDENTA MAZARYKA» (visita do presidente Mazarick), selos que apenas circularam no próprio dia da visita.

Recentemente, estes selos foram reimpressos, desconhecendo-se, contudo, a sua origem. No entanto, os mesmos apresentam notórias diferenças, quer em pormenores de desenho, quer na goma utilizada.

Para obliterar a correspondência, foram utilizados simultâneamente 3 carimbos: «NV» dentro de um círculo; «POSTA SKAUTU» também dentro dum círculo com a data escrita à mão, e em duas linhas «DOPIS OLD SKANTA..... PREVZAL.....», no qual eram escritos, na primeira, o nome do escoteiro distribuidor, e na segunda o do destinatário. Também foi utilizado ainda um outro, de forma oval, com os dizeres «NARODNY VIBOR V PRAZE».

Curiosa é a falta de menção dos ditos selos por parte de alguns catálogos, mormente o Yvert, o mais utilizado entre nós, não obstante a autenticidade e validade da emissão. Os catálogos Gibbons e Michel incluem apenas os dois primeiros, enquanto o Zumstein numera de 1 a 4 todos os exemplares.

XIII Poemeto filatélico

Diante do selo comemorativo da «Organização Mundial de Saúde», 1948-1968.

O herói que luta, armado,
Persistente, reforçado,
Contra o tremendo dragão
A vomitar fogo intenso
E a revolver-se no chão,
Representa o drama imenso
Da terapêutica audaz,
Da higiene prudente,
Da profilaxia urgente,
Num mundo que se desfaz.

Eduardo Moreira

A eficiência dos Correios Portugueses

Um facto narrado por Baden-Powell

Num dos números da revista *Jamboree*, publicado há perto de 40 anos, B.-P. descreve um facto interessante que chegara ao seu conhecimento:

Um escoteiro sul-americano, no regresso do Jambori de Birkenhead, passou pela ilha da Madeira.

Enquanto esteve no Funchal, o forasteiro teve por cicerone um escoteiro desta cidade, que solìcitamente o guiou até aos locais de mais interesse para visitar.

Chegado à sua terra natal, o escoteiro sul-americano lembrou-se de agradecer ao seu camarada português as deferências com que este o havia cumulado. Contudo, como não se recordasse do nome, endereçou o sobrescrito simplesmente com estas palavras, e escritas em inglês: «*Para ser entregue ao escoteiro que encontrei no Funchal, Madeira*».

E o destinatário recebeu a missiva!

O sentido da vocação é, quiçá, o sentido superior do homem. Infelizmente nem todos os homens o possuem. Mas os que o têm são os verdadeiros propulsores do progresso, os únicos de quem se pode dizer que são «homens», em toda a extensão da palavra.

JOHN A. MACKAY

LIVROS

«A Língua, Espelho do Povo»

pelo Rev. Eduardo Moreira

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social publicou mais um dos seus «Cadernos Culturais», este com o texto de uma conferência que o nosso estimado colaborador Sr. Rev. Eduardo Moreira proferiu no Clube dos Fenianos Portuenses.

«A Língua, Espelho do Povo» é uma amena lição sobre o nosso idioma. Lê-se de um fôlego e, dessa leitura, recolhem-se preciosos ensinamentos e observações, muito curiosas e pertinentes, sobre o estudo dos fenómenos da nossa língua.

O A. começa por afirmar que a língua, mais do que o retrato do povo, é antes o seu espelho, pelas condições, a que está sujeita, de evolução permanente, como retrato vivo, mutável e mudável desse mesmo povo.

Depois de considerar a língua como uma herança viva que é preciso defender de influências que a adulterem, o Rev. Eduardo Moreira denomina o século em curso como o «século das vozes», mercê dos inúmeros meios de propagação da voz com que o homem moderno conta. Daí a oportunidade e a necessidade dos trabalhos que tendam a assegurar a limpidez dessas vozes.

O conferencista aborda seguidamente os problemas do uso da linguagem e os erros de pronúncia e os barbarismos a que esse uso, por vezes, conduz. Detém-se demoradamente na apreciação de expressões populares e outras de uso corrente, muitas das quais não usufruem, todavia, do apoio das normas vernáculas.

O A. tece curiosas considerações sobre a influência dos Portugueses na importação de vocábulos de povos remotos para as línguas das nações europeias.

Merece igualmente destaque o que o conferencista refere acerca da preparação que deveriam possuir as pessoas que falam para o público. Também analisa, com clarividência, os problemas das traduções e da ortografia das legendas das fitas cinematográficas.

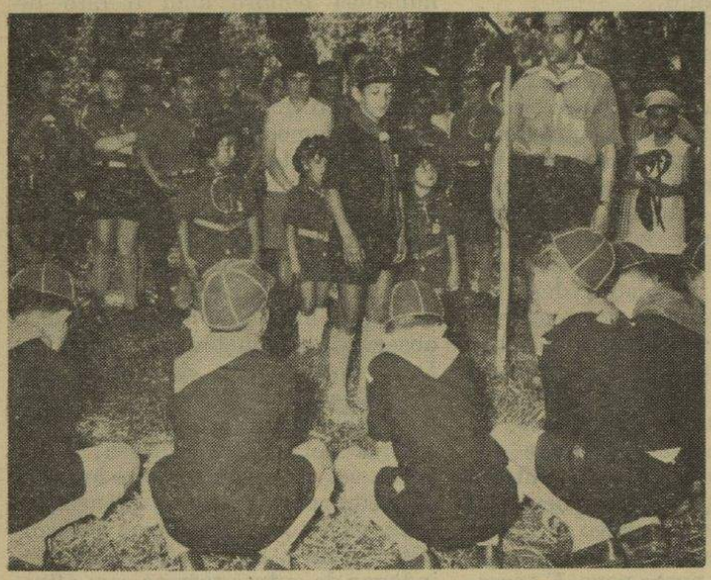
Enfim, um pequeno livro, cuja leitura é, contudo, deveras proveitosa e recomendável, portanto.

DO ENTRONCAMENTO

O 39.º Aniversário do Grupo de Escoteiros N.º 84

Completando a notícia que demos no número de Julho, devemos dizer que o Grupo n.º 23, de Queluz, esteve também representado nas cerimónias do aniversário do Grupo do Entroncamento, tendo o Sr. António Pinto da Direcção do «23» usado da palavra para apresentar saudações em nome do seu grupo.

Pedimos desculpa pela involuntária omissão.



Por ocasião da festa do aniversário do Grupo n.º 84, os Lobitos do Entroncamento executam o «grande uivo» dirigidos pelo Escoteiro-Chefe Armando Garcia Inácio, entusiasta impulsionador do Lobitismo dos Escoteiros de Portugal.

CAMPANHA CONTRA O TABACO

Deram-nos razão mas queremos mais!

Desde sempre que o nosso jornal se tem manifestado abertamente contra o vício de fumar, tentando combater, principalmente nos escoteiros, esse péssimo hábito, não só porque se trata de um vício mas, pincipalmente, porque é grande o prejuízo que traz à saúde.

Paralelamente, temos enfileirado de alma e coração em algumas campanhas contra o péssimo hábito de fumar nos lugares públicos e transportes colectivos, onde mesmo aqueles que não fumam estão sujeitos às consequências da falta de respeito e educação cívica dos fumadores.

Nesta ordem de ideias, não podemos deixar de manifestar o nosso regozijo pela recente publicação do decreto dos senhores ministros da Saúde e Assistência e das Comunicações proibindo fumar nos transportes colectivos a partir do próximo mês de Outubro.

Com esta salutar decisão oficial, vem-nos a esperança de que o problema dos malefícios do tabaco começa a ser sèriamente encarado. Esperemos que outra se não faça esperar muito, em relação às casas de espectáculos e outros recintos públicos fechados.

Não faltam estudos de eminentes cientistas que sirvam de base a todas as acções tendentes a condicionar o consumo do tabaco.

Porque esperar então?

Há que levar por diante uma poderosa campanha junto das massas juvenis, com propaganda anti-tabagística nas escolas, proibição da venda de tabaco a menores até certa idade, suspensão até determinada hora de certa publicidade demasiado falsa e voluptuosa que se faz na rádio e TV, onde os respectivos tempos poderiam ser preenchidos por notícias de conclusões sobre estudos científicos acerca dos malefícios do tabaco.

Se queremos uma juventude saudável e valorosa porque permitimos que a envenenem?

O núcleo B de Lisboa

realizou o seu «Acampamento Experiência - 68»

De 18 a 25 de Agosto p. p. realizou-se, no Parque de Escotismo da Costa da Caparica, o primeiro acampamento do núcleo B de Lisboa, ao qual foi dado o nome de **Experiência-68.**

Participaram nesta actividade lobitos, escoteiros e caminheiros dos grupos n.ºs 7, 8, 9, 14, 19, 60 (Algarve), 84 (Entroncamento), 93 e 94, bem como alguns dirigentes e antigos escoteiros daqueles grupos, num total de 86 elementos.

As actividades dos escoteiros, que realizaram um bom trabalho de competição inter-patrulhas, foram orientadas pelo chefe I. M. Armando Morais, auxiliado pelos dirigentes Virgílio Morais, Orlando Lopes e Eduardo Miragaia.

Os lobitos, que viveram uma semana de ar livre e alegria, foram conduzidos pelos aquelás e auxiliares Marília de Almeida Machado, Armando Inácio, Rui Horácio Macedo, José António Reis, Manuel Tacão Monteiro, Afonso António e Carlos Manuel Rocha.

Perfeitos os serviços de abastecimentos, que estiveram a cargo do dirigente José Relvas Pereira, auxiliado pelos caminheiros António Durão, Pedro Júlio Fresco, Abel dos Santos e José Manuel Ramos.

Também os serviços de secretaria revelaram zelo e organização graças à eficiente colaboração do Sr. Fernando de Almeida Figueiredo, chefe dos Serviços administrativos do grupo n.º 8.

M. G.

O Grupo N.º 23 de Queluz prestou guarda de honra ao Presidente da Câmara Municipal de Sintra

Em Junho passado, o Centro de Recreio e Cultura do Bairro Económico de Queluz realizou no ginásio do Liceu Passos Manuel, em Massamá, um serão de ginástica, com a participação de 400 atletas de ambos os sexos. Assistiu ao acto o Sr. Coronel Joaquim Pedro, presidente da Câmara Municipal de Sintra, que foi recebido pelos dirigentes daquela instituição, tendo prestado guarda de honra uma deputação dos Bombeiros Voluntários de Queluz e o Grupo de Escoteiros de Portugal n.º 23 da mesma vila.

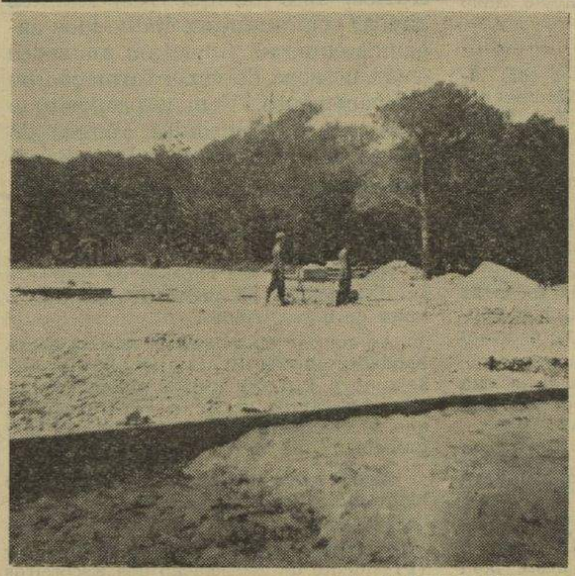


Foto de Xavier de Brito

Parque de Escotismo da Caparica

Encontra-se em construção, e quase concluído, um amplo ringue desportivo do Parque de Escotismo da Caparica, onde poderão ser praticados diversos desportos como, patinagem, futebol de salão, basquete e outros. Os trabalhos prosseguem sob a direcção do Eng.º Nobre Santos, vendo-se na gravura um aspecto das respectivas obras.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

NO XXXV Aniversário da A. E. P.

Sabemos que importa olhar para diante, porque o futuro está na nossa frente e mal iria a um Movimento de gente nova que se deixasse ficar meditando as coisas já vividas sem curar de abrir novos horizontes.

Mas, também, não podemos, nessa ânsia de ir mais longe, sacrificar a recordação de momentos do passado que constituem um verdadeiro património de trabalho e perseverança, confiado ao carinho dos que hoje servem o Movimento.

Não lembramos nem datas nem acontecimentos, como quem admira coisas sem vida, ùnicamente valiosas pela sua dignidade de museu; não rebuscamos feitos, trazidos da poeira dos arquivos, para alardear méritos ou afirmar direitos.

Limitamo-nos a recordar com naturalidade o que seria imperdoável esquecer, e a retirar do passado lição proveitosa que nos possa servir de norma para o futuro.

Se nos detemos a olhar os sinais que marcam a pista já seguida é para que saibamos donde vimos, onde estamos e para onde nos dirigimos neste longo caminho que temos de percorrer.

.....

No alvoroçado entusiasmo com que há trinta e cinco anos se reuniram esforços dispersos para lançar no País o Movimento que então surgia como promissora esperança de novas perspectivas na formação educativa da juventude, é possível que não se desse conta do extraordinário significado do momento e, até, que muitos espíritos, arrastados pela descrença, tomassem o facto como mais uma utópica importação adulterada de figurinos estrangeiros, inadaptáveis ao tão sacrificado manequim da vida nacional.

Se assim foi, maior admiração nos devem merecer os que tiveram a coragem da iniciativa e aqueles que se lhe juntaram na continuidade duma tarefa que veio afirmar a capacidade prática do Escotismo, realizado no nosso meio e pela nossa própria gente.

.....

Com aflitiva actualidade — e com lamentável acréscimo de gravidade — deparam-se hoje os mesmos problemas de crise nas consciências, que há trinta e cinco anos já constituíam preocupação dos que não se deixavam embalar pelo sonho das promessas.

Mais do que nunca importa, por isso, dedicar, hoje, todos os esforços a uma sólida formação educativa da juventude.

Para tanto não são demais todas as generosas dedicações e toda a boa vontade dos que, de alma aberta, se dedicam a tal cruzada.

O Escotismo, tendo afirmado a sua capacidade de vida, há-de saber demonstrar a sua oportuna utilidade.

.....

Volvamos de novo os olhos para diante.

Não esperemos, nem desejemos, que tudo seja fácil à nossa frente e que a conquista de novas posições neste bom combate se venha a realizar sem sacrifícios, sem luta, sem trabalho duro e fatigante.

Havemos de ser capazes de vencer e as dificuldades só poderão aumentar o valor do nosso triunfo.

Ao colocar mais uma estrela na nossa bandeira, apenas devemos ambicionar que seja nova luz, de branca pureza, a iluminar o campo verde da esperança, em que se levanta a Flor-de-lis que nos tem guiado.

Assim será, se Deus nos ajudar neste longo caminho...

Eng.º Jorge Pereira Jardim
(Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal de 1948 a 1953)

COMO OBTER A PAZ

Continuação da página 1

nico, tão útil e próprio para indivíduos como para nações. São estas:

Perdão compreensivo
Amizade prática
Zelo vigilante

Compete-me agora exemplificar o meu pensamento:

A maior dificuldade em nos aproximarmos, como nação ou como indivíduo, e nos harmonizarmos, considerando a vida como companhia em que somos «o próximo» uns dos outros, ou como consonância em que procuramos provocar agrado mútuo, está na recordação dos erros passados. Isto, como digo, tanto se aplica aos casos pessoais como aos dos agregados démicos. O «bloco peninsular», por exemplo, teve de esquecer as lutas de séculos; a unidade da Itália vive de extinção da «vendetta». E por aí fora como a História, «mestra do futuro», no dizer de Herculano, persiste em dizer com verdade, que só políticos e estrategas por vezes ocultam. Só o perdão compreensivo promove uma paz perdurável. «Cá e lá más fadas há», diz o nosso povo. E acrescenta: «almocreves somos, na estrada nos encontramos». Como havemos de nos encontrar senão em paz, no mercadejar da vida? Se estamos tão prontos a perdoar os nossos próprios erros, porque não havemos de perdoar os alheios?

Assim se conseguirá a segunda atitude, a da amizade prática. Não simples tréguas de compromisso nem mero jogo de alianças fugazes. Amizade prática é a que procura as bases de inteligência e as origens idênticas ou os interesses comuns; que respeita tradições de séculos; que compara as diferenciações étnicas como elementos de diversão e até goza com a identidade dos contrários. Isto no que respeita aos povos, pois quanto a indivíduos sabemos como se cimentam amizades entre pessoas de vária formação ou temperamento. Vem a propósito o caso dos dois grandes amigos do tempo do império em Roma, um dos quais disse para o outro, tão igual nos gostos e tendências:

«Homem: diverge de mim para eu sentir que somos dois!»

Quanto ao que diz respeito a «raças» (se há mais que uma, a humana) lembro aqui o dito do grande pensador cristão da Costa do Marfim, Agrey de África, quando referia que as mais belas partituras exigiam o uso, tanto das teclas brancas como das pretas.

Difícilmente será controlar os nossos sentimentos como indivíduo, com seu **ego** ou como cidadão com seus preconceitos. Surge então a necessidade do zelo vigilante formando o hábito como uma segunda natureza, hábito de humildade aliás observada nos maiores homens. Diz Deus ao homem: «lembra-te que és pó»; e o Salmista chamou ao seu povo «bichinho Jacob».

Uma nota talvez curiosa: a **soberba** veio do latim, creio; o **orgulho** do velho germânico; a **filáucia** do grego clássico; o **pundonor** do francês medieval. Se nos fosse possível indagar de outros termos com afinidades em outras línguas, por esse mundo fora, veríamos que todos os povos como todos os indivíduos, para se poderem aproximar e entender necessitarão de arriar bandeiras de vaidade ou ganância, de ressentimento ou ambição, lembrando-se que o sol dos séculos lhes desbotam as cores e os ventos das tempestades as esfrangalham.

Zelo vigilante necessito eu, necessitamos nós, necessitam eles, e será prémio perpétuo para quem o usar.

Vale

Sempre Pronto
Eduardo Moreira

Um episódio curioso

O Príncipe de Gales e os escoteiros sul-africanos

Quando o actual duque de Windsor era príncipe de Gales, ou seja, antes de ser elevado ao trono do Reino Unido com o título de Eduardo VIII, visitou uma pequena cidade da África do Sul.

Os escoteiros dessa cidade quiseram prestar homenagem ao visitante ilustre, que era também o chefe dos escoteiros do País de Gales. Organizaram, para esse fim, uma parada de grande cerimonial, tal como impunha o protocolo para uma personagem de tão elevada categoria.

O príncipe, vendo os seus camaradas escoteiros numa atitude de tanta rigidez, rompeu as fileiras e, abraçando os escoteiros, destroçou completamente a formatura.

A homenagem continuou no meio da mais franca e alegre camaradagem, própria de verdadeiros escoteiros.

ASPECTO ECUMÉNICO

Continuação da página 1

como se estivesse dentro de um muro, vivendo exclusivamente a sua vida. Era uma sociedade defensiva que considerava os de fora como inimigos, pagãos, infiéis, que se deviam atacar e suprimir. Uma «sociedade triunfalista», como a denominou recentemente um padre jesuíta. Com efeito, esta sociedade desapareceu, como tal, há duzentos ou trezentos anos. Dois movimentos contribuíram para demolir as suas muralhas:

— o progresso da ciência, que mostrou que o mundo era uno e os homens todos iguais no aspecto psicológico;

— o desenvolvimento das missões estrangeiras, que se expandiram, não com o fim de destruir, mas com a convicção de que o mundo inteiro pertence a Cristo.

Não podemos ter esperança em fazer face às exigências deste mundo novo se não tivermos fé nos desígnios de Deus, se não crermos na unidade final dos homens. Como disse Oppenheimer, aquando do vigésimo aniversário de Hiroxima: «Devemos considerar a esperança como fazendo parte da nossa vida e do nosso dever».

Neste mundo novo, somos obrigados a viver com os outros povos, a trabalhar com eles. Isto nada tem de novo para os Escoteiros e Guias.

Como demonstra o cónego H. Montefiori, de Cambridge, todos os ensinamentos de Jesus se referiam ao próximo e ao nosso amor por ele. Nas Epístolas, este termo «próximo» era substituído por «irmão», isto é, nossos irmãos cristãos.

Só agora é que nos preocupamos com os nossos irmãos cristãos pertencentes a outras religiões. E temos um longo caminho a percorrer até colaborarmos completamente com os que professam outras religiões. Porém, este é o único caminho que conduzirá à paz.

A colaboração com pessoas de outras religiões realiza-se já no nível mais elevado, entre representantes dos governos, na ONU, em numerosas organizações internacionais. Desenvolve-se, também, a nível inferior nas escolas, neste país, por exemplo, onde, nos bairros pobres, crianças brancas e pretas aprenderam a trabalhar em conjunto. Mas a prova final está sempre no centro, aí onde labuta a maior parte de todos nós, que procuramos viver em paz com os que estão próximo, mas omitimos aqueles que se encontram longe, dos quais não dependemos menos. Eis a prova da nossa fé, pois é só em Cristo que sabemos que os homens são todos irmãos.

Como disse a Dr.ª Margaret Mead, eminente antropóloga americana, na Conferência Mundial das Igrejas, há muitas coisas que gostávamos de fazer em nome do nosso amor a Deus e do próximo. Eis que hoje dispomos dos necessários conhecimentos e de possibilidades. A condição é só o desejarmos realmente.

A penúria e a fome, por exemplo, não são coisas novas, mas sabemos agora que as podemos dominar, se assim o quisermos. O nosso sentimento de culpa neste assunto é, por conseguinte, diferente do sentimento que tínhamos noutros tempos, em que a compaixão era tudo o que podíamos oferecer para aliviar o sofrimento.

As virtudes que hoje se exigem de nós são diametralmente opostas às de outrora. Devemos lembrar-nos de que a esperança, tal como a fé e o amor, é uma virtude. Significa isso que devemos deixar-nos penetrar da vontade de Deus quanto aos homens, que temos o dever de aproveitar todas as oportunidades que se nos deparem e que temos de ter confiança no amor eternal.

É curioso notar que não se pode qualificar de «nova» a teologia ou a moral, sem parecer que a estamos a condenar. Contudo, neste mundo novo é inevitável que a nossa concepção de Deus tenha de ser, de qualquer modo, repensada, e pelo mesmo motivo modificada a nossa concepção moral.

Há uma coisa que a teologia clássica de Santo Agostinho, de Lutero, de Calvino e doutros autores não menciona nunca: é o mundo dos homens e a missão da Igreja em relação àqueles que vivem fora da Cristandade. E são estes os dois problemas que preocupam os homens de hoje:

— como havemos de tratar todos os povos do mundo, como havemos de viver entre eles?

— qual é a razão de ser da humanidade na Terra, qual a nossa missão a esse respeito?

O velho sistema moral, baseado na guerra e nos castigos, fazia parte da velha sociedade feudal, da teologia antiga. Esta base já não nos satisfaz e sabemos que há que modificá-la, que mais não fosse pelo respeito à personalidade humana. Quer isto dizer termos a obrigação de aprender como amar o nosso próximo, de reflectir sobre a nossa fé em função dos outros homens, ou seja, a lei deve ser substituída pelo amor.

Nesta tarefa, vós, escoteiros e guias adultos, tendes uma responsabilidade particular, pois sois leigos, vivendo no mundo como o clérigo não pode viver e ainda porque é precisamente esta a via em que estais comprometidos em razão da vossa Promessa.

Tese apresentada à 7.ª Assembleia-Geral da Fraternal Mundial de Antigos Escoteiros e Guias, reunida em Durham, Inglaterra, em Julho de 1967.

Correspondente do «Sempre Pronto» na Beira

A representação do nosso jornal na zona da Beira, em Moçambique, tem estado confiada ao nosso dedicado amigo Sr. Jorge Aníbal Horta, filho do nosso antigo colaborador Chefe Aníbal Horta, do Grupo n.º 84, do Entroncamento.

O nosso solícito correspondente tem desempenhado o seu cargo com o maior interesse prestando-nos uma eficiente colaboração, que muito agradecemos. O serviço militar, porém, veio agora interromper tão prestimoso serviço, mas Jorge Horta, antes de se retirar para Lourenço Marques, teve o cuidado de conseguir quem o substituísse.

Convidado o Sr. Manuel Rodrigues, chefe da Alcateia do Grupo do Dondo, este prontamente acedeu em prestar-nos o mesmo serviço, pelo que desde já lhe apresentamos as boas vindas e agradecemos a colaboração oferecida.

Ao companheiro Jorge Horta desejamos as maiores felicidades no desempenho dos seus deveres militares.

1969: Festival Mundial do Teatro, em Nancy

De 18 a 27 de Abril do próximo ano, realiza-se em Nancy, importante cidade francesa situada junto do Mosela, o Festival Mundial do Teatro.

A escolha desta cidade para um acontecimento de tão grande importância deve-se ao reconhecimento, pelos especialistas de teatro e por jovens encenadores de grande número de países, de Nancy se ter tornado a capital mundial da investigação teatral.

O Festival compõe-se de dois encontros distintos:

— Uma confrontação internacional entre os melhores e mais vivos grupos universitários, que demonstrem espírito mais inovador;

— Uma reunião de jovens companhias profissionais ou semiprofissionais, que interpretem um trabalho novo de investigação teatral.

As candidaturas para este Festival devem ser apresentadas à secretaria, rua de Metz, 109, em Nancy.

Cursos de Monitores de Segurança e de Primeiro-Socorristas

No cumprimento de plano prèviamente estabelecido, o Centro de Prevenção de Acidentes de Trabalho e Doenças Profissionais abriu a inscrição para os seguintes cursos por correspondência: 5.º curso de monitores de segurança; 5.º curso de primeiro-socorristas; 3.º curso de monitores de primeiro-socorristas. Os dois últimos, além das lições por correspondência, terão também provas práticas finais.

Os referidos cursos terão início no próximo mês de Outubro, estando as inscrições abertas até ao dia 30 de Setembro, na sede do Centro de Prevenção — Rua do Telhal, 12-4.º Dt.º, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos, ou pelos telefones 50527 e 538794.

SEMPRE PRONTO

Número 281

Setembro de 1968

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

–

XI JAMBOREE NO AR

19/20 de Outubro de 1968

O Jambori do Ar

Realiza-se este ano no fim de semana de 19 e 20 do próximo mês de Outubro

Como já foi anunciado, o XI Jambori do Ar realizar-se-á no fim de semana de 19 e 20 de Outubro próximo, iniciando-se às 0 horas de Sábado 19, para terminar às 24 horas (TMG) de 20. Portanto, no Continente Português, começa à 1 hora de Sábado e termina à 1 hora de Segunda-feira, dado que a nossa hora oficial se encontra adiantada de uma hora sobre o TMG.

Por motivo da sua recente transferência para a Suiça, a Repartição Mundial não poderá participar no Jambori no Ar com a sua estação privativa. Porém, o «International Amateur Radio Club», de Genebra, pôs à disposição a sua própria estação 4U1ITU, bem conhecida de todos os radioamadores como estação da União Internacional de Telecomunicações. A Repartição estará, portanto, no ar durante as 48 horas do acontecimento com este emissor, esperando formar uma equipa de operadores escoteiros constituída por elementos dos países vizinhos.

4U1ITU operará nas seguintes frequências, ou nas suas imediações:

80 metros	CW 3,515 khz	SSB 3,730	(Nota 3)
40 metros	CW 7,015 khz	SSB 7,070	(Nota 3)
20 metros	CW 14,070 khz	SSB 14,185 e 14,290 khz	
15 metros	CW 21,070 khz	SSB 21,290	
10 metros	CW 28,070 khz	SSB 28,700 khz	

NOTAS: 1. — As frequências a utilizar dependerão das condições existentes.

2. — As estações trabalharão com uma margem de 5 quilociclos destas frequências, tanto quanto as condições o permitam.

3. — De vez em quando, as estações passarão à escuta, para chamadas em mais altas frequências.

Prevê-se a participação de outras estações especiais, entre as quais a GB3BSI, na ilha de Brownsea, a ZS6JAM em Mafeking, AP2NMK no Paquistão e ainda pela primeira vez, uma estação «aeronáutica», a cargo duma patrulha dos escoteiros do ar sul-africanos.

Outras estações: K2BFW (Estados Unidos), DU1BSP (da Associação dos Escoteiros das Filipinas), GB3BPH (Casa de Baden-Powell, em Londres), XE1ASM (da Associação dos Escoteiros do México) e outros.

A organização do Jambori do Ar foi mais uma vez entregue ao Secretário-Geral Adjunto, Sr. Justino Estêvão da Silva, que em anos anteriores tem conseguido realizar trabalho de relevo neste campo. O Organizador Nacional tem já em preparação uma interessante brochura com todas as informações referentes à participação neste Jambori. Foi desenhado um certificado especial de participação, que será enviado aos escoteiros e patrulhas que participarem nesta tão interessante actividade.

A Direcção dos Serviços Radioeléctricos não põe qualquer objecção ao «Jambori do Ar», desde que a estação seja operada pelo próprio amador e que os assuntos versados não se afastem dos autorizados para a estação emissora.

É de esperar que todas as unidades dos Escoteiros de Portugal diligenciem participar nesta actividade, para o que não encontrarão dificuldades visto que os Amadores de Rádio oferecem gentilmente a sua colaboração e, na generalidade, estão prontos a facilitar os seus emissores dentro das normas oficiais.

O Organizador Nacional pede a todos os Grupos de Escoteiros para que lhe sejam enviados o mais ràpidamente possível os seus relatórios de participação, bem como quaisquer fotografias da actividade, cartões especiais, quer estes sejam impressos, mimeografados ou desenhados à mão.

Portanto, Escoteiros, dias 19 e 20 de Outubro próximo, à escuta

CARIMBO COMEMORATIVO

No próximo dia 19 de Outubro será aposto na correspondência apresentada no Posto de Correio instalado nos Serviços Centrais da Associação dos Escoteiros de Portugal — Cais do Sodré — Lisboa-2, — um carimbo comemorativo do XI Jamboree no Ar.

Com tal carimbo, a Associação dos Escoteiros de Portugal edita dois sobrescritos comemorativos, que podem ser requisitados nos seus Serviços Centrais.

Um Poeta português

e os escoteiros

Há poucos meses, tivemos oportunidade de publicar alguns excertos de um trabalho do famoso escritor brasileiro, Coelho Neto, sobre o Escotismo.

Temos, porém, o gosto de informar que, também em Portugal, o Escotismo mereceu a atenção de um célebre poeta português, Henrique Lopes de Mendonça, o autor da letra do Hino Nacional.

Na nossa frente, temos um «Hino Mundial dos Escoteiros», traduzido para português por este eminente escritor, letra que nos foi facultada pelo nosso estimado amigo Sr. Humberto Martins.

Eis o famoso hino escotista:

ESTRIBILHO

A passos iguais marchemos,
Entoando um canto igual,
Da Terra desde os extremos
Nos une o amor fraternal.
Quer no pólo enregelemos,
Quer nos queime o ardor do sol,
Será nosso canto o canto do arrebol.

I

São irmãos os escoteiros
Seja qual for o seu país.
Todos marcham sobranceiros,
Erguendo altiva a cerviz.
É a honra, companheiros,
O farol que nos conduz
E pelo mundo inteiro espalha a luz.

II

Assim se irão pela Terra
Unindo, unido as nações,
Até que se acabe a guerra
Se cale a voz dos canhões.
Descansem ecos da serra,
Descansem ecos do mar,
Nem um tiro só os virá despertar.

ESTRIBILHO

A passos iguais marchemos, etc....

III

Irmãos somos, qualquer que seja a nossa [classe.
Nosso chão, nossa idade e a cor da nossa [face.
Por Pátria o mundo todo.
Por inimigo o mal,
Travemos com denodo
A luta colossal.
Não faltam pelas estradas as feras, meus [irmãos!
Deixai, nenhum de vós tem ferrugem nas [mãos!

IV

Marchemos sempre a par. Por longe que [se vá.
Em a noite chegando, acamparemos já.
Aceso um vivo fogo,
Faremos o jantar,
E um canto alegre, logo,
Havemos de entoar.
Ficaremos depois mais espertos e sãos
Porque nenhum de nós tem ferrugem [nas mãos.

VISADO PELA CENSURA